

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Director — F. M. Raposo d'Almeida.

Vol. I.

DOMINGO, 3 DE AGOSTO DE 1856.

N. 33.

PARTE LITTERARIA.

Levantamento de Minas. (*)

II

Escandalizados os Paulistas da mortandade, que por ordem de Amaral se tinha feito no capão da traição, se recolheram a S. Paulo com animo de se despicarem: e convocados os moradores, lhes propuseram a desgraça sucedida, as fasendas, e reputação perdida; e declarando-lhes juntamente com graves razões a tenção, que tinham de se vingarem, lhes pediram adjutorio, animando-os á empreza com a efficacia que costuma subministrar a honra gravemente offendida. Foram ouvidos com attenção, e em breve tempo alistaram mil e tresecentos homens, os quaes por commun consentimento elegeram para governar a todo o exercito a Amador Bueno da Veiga, dando a outras pessoas de maior supozição os postos inferiores. Fomentaram a empreza alguns Theologos, dando por justo o titulo da guerra, e não faltou quem, esquecido da paz, que deixou Christo em patrimonio á sua Igreja, do mesmo pulpite os animou á jornada.

Não se obrava isto em S. Paulo com tanto segredo, que não chegasse logo ao Rio de Janeiro a noticia d'esta desordem, e querendo atalhá-la Antonio de Albuquerque Coelho, que já tinha tomado posse do Governo, despachou a toda pressa ao Padre Simão de Oliveira da Companhia de Jesus, para que com authoridade de Religioso, e patrício grave, pacificasse os animos, e desfizesse as tropas, que ja estivessem alistadas, armando-o para isso com umas cartas, que dia ser de el-rei, nas quaes se prohibia aos Paulistas o saharem de S. Paulo armados. Quiz tambem com os raios das censuras impedir o caminho, e atalhar os danos, que se temiam, o grande Prelado D. Francisco de S Jernymo, mandando publicar um monitorio: pois não era bem que deixassem de comcorrer a Igreja para a desejada paz. Mas como todas estas diligencias acharam os animos tão mal dispostos, só puderam esfriar o fervor de alguns, que, mais tementes a Deos, e reverentes ao rei, deixaram de seguir as bandeiras dos apaixonados, os quaes antes de empreenderem a jornada, imitando aos bons Catholicos, quiseram implorar o favor Divino, mandando cantar uma missa, á qual assistio o novo Governador, e seus sequazes.

(*) Vid. o n. 29 da Semana.

Partiram finalmente em direitura de Taubaté, para se incorporarem com mais algumas tropas, que de outras partes esperavão; e caminharam com tanto vagar, que em quasi vinte dias só venceram o caminho que em cinco dias commoda mente se pode andar. N'esta Villa se detiveram largo tempo, esperando que se unisse a gente, que pouco a pouco hia concorrendo; e querendo Deos dar-lhes a conhecer o pouco, que lhe agradaava a jornada, permittio que se abrisse no convento de S. Francisco uma sepultura, na qual se achou um cadaver incorrupto com postura de quem atira; porquetinha um joelho em terra, o braço direito estendido, e o olho direito aberto. Ao horror se seguiu logo a noticia, de quē o sujeito fora de tão má vida, que perdendo o respeito a Deos, e aos seus Ministros, com uma bala ferira o braço de um Sacerdote, deixando primeiro ferida uma imagem de Christo, que elle tinha na mão. Mas como este successo não abrandasse animos tão bravos, de Taubaté caminharam para Guaratinguetá, gastando nas marchas mais de um mez.

Em quanto o exercito marchava, não descansava no Rio de Janeiro Antonio de Albuquerque, antes julgando que com a sua prezença se applicariam os animos, e desfariam as inimizades, caminhou para as Minas, e encontrando no caminho a Fr. Miguel Ribeira, que com as cartas dos moradores o procurava, se alegrou muito, festejando, como era bem, aquella offerta. Chegou finalmente acompanhado de dois capitães, dois ajudantes, e dois soldados ao Caeté, aonde estavam os pessoas de maior supozição das Minas, compondo umas discordias, que entre Manoel Nunes, e os moradores do Rio das Velhas se tinham originado: e sendo logo reconhecido por Governador, se retirou Manoel Nunes com beneplacito seu para as suas fazendas do Rio de S. Francisco, continuando Antonio de Albuquerque, que com o seu governo creou Ministros de justiça, e officiaes de guerra, comfirmando a maior parte dos que tinha criado o seu antecessor; e tanto que fez o que julgou necessario para a paz, e bom governo d'aquelles povos caminhou para S. Paulo com animo de pacificar tambem os Paulistas.

Mas antes de chegar a Guaratinguetá, onde já havia cinco, ou seis dias, que se detinha o exercito, correu voz que tendo o novo Governador visitado as Minas, e deixado em paz os forasteiros, caminhava para S. Paulo; e como necessariamente se havia de encontrar com elles, determinaram recbê-lo cortesmente: e tanto que o viram, apuraram as leis da boa policia. Animado com tanta benevolencia, tratou da paz: mas elles não a admittiram,

persuadindo-se que aquelle tratado nascia do medo que o seu exercito tinha causado já nos animos dos topinámbas. Escandalisado Antonio de Albuquerque com a repulsa, lhes disse que fossem; mas que advertissem que eram poucos para o que intentavam. Não falta quem diga que elles o quiserão prender, e que tendo avizo secreto deixara de ir a S. Paulo, como intentava: mas ou fosse esta noticia verdadeira, ou falsa, o certo é que elle por Paraty se retirou para o Rio de Janeiro, d'onde a toda a pressa fez avizo pelo caminho novo aos moradores das Minas, que viviam em um total descuido do perigo, que os ameaçava.

Marchou o exercito para o Rio das Mortes, que era o alvo, aonde se dirigia a sua primeira vingança, e encontrando no caminho com as suas fasendas, não só os deixaram ir livres, como mas ainda houve tal, que sabendo que um seu escravo tinha roubado a um destes viandantes, o castigou asperamente, obrigando-o a restituir tudo o que lhe tinha tomado. Depois de dezaseis dias de marcha chegaram aos Pouzos altos, onde fizeram conselho de guerra: e como o fim, a que se dirigiam, era escolher meio, com que se restaurasse a reputação perdida, e as fasendas, que nas Minas tinham deivado, assentaram não fazer danno a todo o Embuába, que com uma tão humilde accão resatisfazia cabalmente tantos aggravos.

Chegaram finalmente ao Rio das Mortes, onde os forasteiros, avisados pelo Albuquerque, tinham formado para sua defensa em uma eminencia, que distaria das casas da povoação um tiro de pedra, um fortim, no qual estavam recolhidos; e avisando estes as primeiras fileiras do exercito, que descia de uma serra, sahiram a receber-las com animo determinado á paz, e á guerra; e como não admittiram os paulistas as condições da paz, travaram uma brava escaramuça, que apartou a noite, sem mais perda de parte a parte, de que a de alguns cavallos, ficando os paulistas senhores das casas, e os Embuábas recolhidos no seu fortim, o qual cercaram logo os paulistas, continuando por quatro dias e noites as baterias com varios sucessos, e talando os gados, mantimentos, e tudo o que podia satisfazer a sua ira, e causar danno ao partido contrario.

Cercado o fortim, mandou o Governador Amador Bueno guarnecer as casas com alguma gente; para que melhor podesse attender ás necessidades dos cercadores, se retirou a uma alta atalaya com o resto das tropas. De noite intentaram os cercados queimar as casas, e não faltaram logo cinco Embuábas, que, singindo-se Paulistas fugidos do Forte, se animassesem á empreza, e pegassem fogo; mas com tão má successo, que, conhecendo os Paulistas o engano, lhes tiraram as vidas; e para evitarem novo accidente se conservaram dalli por diante ambos os partidos em vigia. Ao amanhecer tornaram ás armas, e mostrou o successo na mesma noite terem cuidado os Paulistas em queimar tambem as casas do Forte: porque de manhã viram uma guarita fabricada por João Falcão em um lugar, que descortinava o interior do Forte, de donde lhe lançaram tantas flechas acezas sobre as casas, que eram de palha, que ateando-se o fogo foi mui difficult apagá-lo.

Mandou tambem Ambrozio Caldeira sahir do fortim desaseis cavallos, os quaes encontrando ao sahir aos Paulistas, lhes deram, uma valente carga,

e os obrigaram a buscar as casas, junto ás quaes se travou a escaramuça, ainda que com partido muito desigual; porque os Embuábas pelejavam em campo razo, e a peito descoberto com alguns Paulistas, que dando a conhecer o seu valor se deixaram ficar no campo, retirando-se os mais as casas, donde a peito coberto, e com pontaria certa damnificaram muito aos Embuábas. Signalou-se nesta occasião Francisco Bueno, a quem acompanhava hum filho de pouco annos, cujo valor mereceo especial memoria; porque ferido com uma bala em um braço, respondeu ao pai, que o reprehendia de ter sahido ao campo, que para tão generoso successo tinha entrado na peleja. Signalou-se tambem Luiz Pedrozo, e outros; e finalmente chegada a noite, e mortos quasi todos os Embuábas, apartou o escuro a contenda.

Acabado o choque, mandaram os Paulistas; que guarneçiam as casas, pedir ao Bueno, que estava na atalaya com a maior parte do exercito, munições: mas achando-o os messageiros com animo de levantar o cerco, e retirar-se, ou porque o medo os incitava aquella rezolução, ou porque se tinha metido entre elles a discordia, voltaram para as casas, desanimando muito com esta noticia aos que as defendiam. Não faltaram logo alguns, a quem parecesse bem a rezolução, e quizessem seguir o exemplo: mas Luiz Pedrozo, sentindo o desmaio, lhes fez uma pratica, dizendo que estando a victoria nas mãos, seria cobardia deixar o inimigo já prostado, e quasi rendido: e que ausentando-se os companheiros, caberia maior gloria aos poucos, que vencessem: que para elles vencerem, não eram necessarios mais, pois os tinha ensinado ja a experencia que sem elles tinham até então peleiado e reduzido o inimigo ao miseravel estado, em que se achava: e que podem elles só rezistir a tantos, porque não poderiam agora se reunir aos poucos, que restavam. E finalmente, que no caso, em que elles tamdem quizessem pôr nódoa na sua fama, deixando cobardes a batalla, que elle o não faria; pois lhe seria melhor ficar morto como valente no campo, do que aparecer com o dezar de fugitivo em S. Paulo.

Animados com estas razões investiram ao fortim com tal furia, que, fazendo muito fogo, e mettendo grande espanto, determinaram render-se os cercados. Houve tregos para se ajustarem as capitulações da entrega, offerecendo os cercados com as armas tudo o que se achasse no Forte, contentando-se com que lhes permittissem os vencedores as vidas: mas como houveram alguns Paulistas, que, lembrados da mortandade do Capão, e esquecidos do assento, que tinham feito em Pouzos altos, de não fazerem mal aos Embuábas, que livremente rendessem as armas, não quizessem aceitar mais condição do que tirarem a todos as vidas, não foi possivel ajustar-se nada. Por cartas, que lhes lançavam em flecha os Paulistas, que estavam nas casas, sabiam os sitiados a má vontade, que havia em alguns do arraial inimigo, e ainda assim continuaram a propor algumas condições: mas como uns lhes concedessem as vidas, e outros lhes respondessem com os tiros das escopetas: pediram finalmente, que ao menos deixassem sahir livres as mulheres, e os meninos: mas era tal o orgulho, e má vontade dos que já se supunham vitoriosos, que nem isso quizeram admittir.

Passados dous dias, movidos os cercados com a ultima desesperação, determinaram morrer antes pelejando no campo como valentes, do que perder as vidas como cobardes no recinto do Forte; e para darem mostras da sua determinação, amanheceu arvorado no terceiro dia um estandarte branco no mais alto da muralha. Persuadiram-se os Paulistas que era aquella cõr signal de entrega, e com as salvias de mosqueterio trataram logo de festejá-la: mas os cercados com os seus mosquetes, e clarins declararam a tensão que tinhão de pelejar; e fazendo primeiro um ensaio dentro do forte, cahiram armados de espadas, e pistolas, investindo com grande furia aos Paulistas, que os receberam mettidos nas casas. Persistiram algum tempo no campo, mas como do seu valor não tiravam mais fructo, do que perderem, como valentes as vidas, porque os Paulistas com pontaria certa, e sem risco os acabavam, tocaram a recolher sem mais fructo, do que deixarem no campo alguns mortos.

Recolhidos continuaram até á noite a peleja com as armas de fogo, tendo até então perdido os Embuábas oitenta homens, e os Paulistas sómente oito, com não poucos feridos, de que perigaram tambem alguns. Foi a causa desta notavel desigualdade a vigilancia, que havia da parte dos Paulistas, e a destreza, com que usavão das escopetas, pois apenas apparecia sobre a muralha alguma cabeça, quando logo com um pelouro a faziam victimas da sua ira; e como obrigavam assim fitados a pôr sómente a boca das suas clavinas sobre o muro, e a disparar sem pontaria, evitavam os danos, que tanto lamentavam os seus contrarios. Vendo finalmente os Embuábas que sem remedio perdiam as vidas, se resolveram ao ultimo esforço, determinando saharem todos no dia seguinte. Prepararam-se toda a noite, e deixando sobre a muralha uma imagem de S. Antonio, sahiram do forte ao amanhecer de um sabbado com tal fortuna, que já não achavam com quem pelejar; porque os Paulistas, ou discordes entre si, ou temerosos com a noticia de mil e trescentos homens, que do Ouro Preto marchavam a soccorrer os sitiados, tinhão fugido naquelle noite sem serem sentidos.

Foi vos constante que ao voltarem os Embuábas para o forte acharam a S. Antonio em outro lugar com uma bala engastada no cordão, e a uma imagem de Nossa Senhora com um milagroso suor; e que agradecidos ao seu bemfeitor o levaram em procissão, e o collocaram com grande júbilo no seu antigo lugar. Em quanto porém se celebrava no forte a não esperada liberdade, caminhavam para S. Paulo os desertores com tal pressa, que chegando pouco depois as tropas, que vinham soccorrer aos sitiados, ja não os encontraram, ainda que levados da furia militar lhes seguiram por oito dias os alcances. Com este máo sucesso não desmaiaram os Paulistas, antes como valentes Antheos cuidaram em alistar soldados, e eleger novos cabos: mas estando já em bons termos a empreza, apareceeo Antonio de Albuquerque com o governo de S. Paulo, e apertadas ordens de El-Rei, para que fossem os Paulistas habitar pacificamente as Minas, impondo graves penas aos que primeiro violassem a paz; entendendo o Soberano que animos generosos se deixam vencer com qualquer affago, lhes enviou pelo nosso governador um retrato seu, que ainda hoje se conserva na casa da canaria, para que entendessem que visitando-os da-

quelle modo, já que pessoalmente o não podia fazer, tomava aos Paulistas debaixo da sua real protecção. Com este singular favor se satisfizeram os Paulistas, e esquecidos dos aggravos passados de puzeram as armas.

MANOEL DA FONSECA,
VIDA DE BELCHIOR DE PONTES.

A arte dramatica.

Como introducção a algumas cartas que sobre a arte dramatica temos de publicar nas proximos numeros, reproduzimos as seguintes—reflexões dramaticas.

I.

É sem duvida a posição a primeira cousa em que se deve instruir o actor; assim como dos movimentos dos braços, e de todas as mais partes do corpo, por que a sua regularidade sem affectação, é que o tornará elegante em qualquer attitude: para conseguir esta vantagem é necessário manter naturalmente o corpo, e do mesmo modo os joelhos estendidos, os pés pouco distantes um do outro, os braços, e as mãos cahidas pelo seu mesmo peso, a cabeça elevada, e os olhos voltados para o objecto da sua attenção: o braço levanta-se, desnindo-se primeiramente do corpo a parte superior, e esta suspende as outras duas até ao nível dos hombros; a mão, que tem-se conservado naturalmente inclinada para a parte interna, volta-se para cima, e d'aqui todas estas partes continuam seus movimentos; porém a mão já não se apresentará fechada, pois que semelhante accão parece bastantemente indecente e incivil.

II.

Os braços estendidos, e elevados á mesma altura formam das pessoas uma perfeita cruz, e deve-se por todos os principios evitar esta accão por ser inteiramente opposta á elegancia da figura.

III.

Deve evitarse com cuidado o accionado, que eleve as mãos ácima da cabeça; mas, si o actor arrebatado pela intensidade de qualquer paixão, praticar isto, não merecerá censura, e até poderá accionar com a vivacidade propria do lance, e do entusiasmo, de que se achar tocado; para descer o braço deixará primeiramente cahir a mão, e as mais partes virão naturalmente procurando a posição, que já se explicou, quero dizer, a natural.

IV.

Para o actor andar em scena com elegancia, e com graça, lançará a perna estendida para a frente fazendo partir o movimento do quadril, as pontas

dos pés voltam-se um pouco para os lados externos, e inclinam-se para o tablado, e todas as mais partes do corpo devem conservar-se no estado natural, e com graça ; exceptuam-se d'esta regra todos os casos, que exigirem o contrario : a marcha rompe-se com aquella das pernas, que convier, sua cadencia será marcada pelas circunstâncias.

V.

A accção de ajoelhar será feita do modo seguinte. Se o objecto, ou pessoa, á quem se dedicar *esta reverencia*, estiver situado á *direita*, deve curvar-se a perna *esquerda*, e se estiver á esquerda se curvará a perna *direita* : guardada esta regra ajoelhar-se-ha com decencia ; mas se uma scena jocosa, ou outra qualquer circunstancia exigir que se dobrém ambos os joelhos, o poderemos fazer sem receio de errar.

VI.

Quando o actor tiver de representar morte, ou desmaio, deve, com quanta rapidez lhe fôr possível, tocar primeiramente o chão com a parte externa do joelho, seguindo-se imediatamente a segunda pancada no quadril, e abandonar então o resto do corpo, seja á direita, ou á esquerda conforme as circumstâncias o exigirem, por este modo evita-se grande offensa no corpo, e até, se me é permittido dizer, aformosea-se a queda.

VII.

O modo com que o actor deve entrar em scena, terá toda a relação, com o caracter que representar ; e da mesma forma sua retirada será analoga ao que acaba de expressar.

VIII.

O actor terá todo o cuidado em aproveitar a voz, de que é dotado pela natureza, e por nenhum principio procurará supril-a exforçando-se em imitar a de outrem, para evitar o pernicioso de uma voz falsa, que jámais poderá ser sustentada, e que nunca será agradavel : entretanto, que o continuado exercicio dará á sua voz natural um som doce, cheio, harmonioso, e apprasivel ; com tudo é preciso que os orgâos vocaes trabalhem sempre com igual firmesa, e sem constrangimento que a garganta se não estreite muito ao ferir o som, manejando a respiração com tanta habilidade que só contribuirá com aquella que fôr precisa.

(Continua.)

Mereba-ayba.

A EPIDEMIA DAS BEXIGAS

CANTO DE TRADIÇÕES (50).

I.

Tamoyos valentes,
De infausta vingança a hora souu !
Pagés, vós prudentes
Desgraça previstes—desgraça chegou !

Carybas, (51) senhores
Do raio que aloja em si o trovão
Carybas—traidores !—
A peste e a morte trazendo nos vâo,

Querem nossa terra
E n'ella derramam a morte de horror,
Que até os aterra
O estrago que deixa, que incute terror !

E Mereba-ayba (52)
Por cima das ondas o luso seguiu
O mesmo Caryba
Afastei a domal-as, com susto se vio.

Seu halito forte
Por tabas, por bosques já se derramou :
Mais forte que a morte,
Passando por vivos cadav'res deixou.

As mãis com filhinhos,
Pendentes dos hombros; fugindo lá vâo ;
Ai pobres, mesquinhos,
Nem mesmo na fuga do mal livres são !

Tão cheia de incanto
Que foi Guanabara, a terra de amor,
E hoje, ó espanto,
Só n'ella retumba um grito de dôr !

O solo empestado
Se cobre de morte, se cobre de horror
O céo estrellado
Se ostenta radioso com todo o esplendor !...

Por certo, ó Tamoyos, que já não o é :
É certo o castigo,
Ha muito o predisse—não mente o pagé.
Tupá nosso amigo

II.

Eu a vi !.. Era feia e tão horrenda
Como Maragigana, (53)
Em Tupan'carrocara (54) se assentara
De seu estrago ufana.

(50) Este canto com quanto não seja tradicional é comtudo fundado em tradições ! Mereba'ayba ! Merebaayba ! Foi o grito mais doloroso e pungente com que retumbaram as florestas brasileiras. Nem a invasão dos rios trasbordando por de sobre seus leitos, nem o estampido do canhão repetido pelos echos, incutia tanto terror ás tribus, como o brado terrivel da cruel apparição, annuncio fatal que trazia a interrupção de suas festas, e o desamparo de suas aldeas com tudo quanto lhes perten-

Qual cadaver, seu halito hediondo
Os ares empestava ;
Pelas terríveis e disformes faces
A corrupção lavrava.

E os olhos estendendo vio em montes.
Cadares corruptos,
Que em vez de sentimento davam morte.
A carnígeros brutos.

E surrio-se ! — Eu tremi ao ver-lhe as faces.
Com esse riso horrendo ;
E bradou-me com som de voz troante.
Assim cruel dizendo :

« — O' Tamoyos, ó filhos das florestas.
Estranha sou a vós,
Que nem sequer sabida em vossa terra.
Fui de vossos avós.

« Eu sou Mereba'yba ! ... Mais terrível.
Do que o furacão
Que os tectos arrebata ás vossas tabas
Rojando-os pelo chão.

« Sou a serpente horrivel, (55) que vos turba
No bosque a resonar,
Que por vencer, intrepida succumbe
Na chamma a crepitara.

« A meu lado é formosa, é bella a morte
E' bella a escravidão
E' bella a guerra, que ensanguenta a terra
Do irmão contra outro irmão.

« O meu sôpro é a peste — que arrebata
Inteiras gerações
Que passa — deixa estrago — e longe escuta
Crueis imprecações !

« Montanhas s'erguem em vão, oppõe-se mares,
Limites eu não sei ;
Só uma voz detem-me e diz-me — pára !
Só essa eu ouvirei.

« Só conhece uma māi forte, inflexivel,
Que encerro o bem no mal ; (56)
Só ella contra mim ; — vossas florestas
De abrigo vos não val.

« Deixarei-vos do mal embora isemptos
Mas vós pereceréis
Que á guerra, á peste, á escravidão, á morte
Aqui succumbireis.

« Grande é o poder d'aquelle que me envia ;
— A elle vos curvare !
Procurai nas estrelas o seu signo (57)
Prostrados o adorai. »

cia, porque tudo estava contaminado do terrível contagio ! Inteiras povoações se aniquilaram e essa peste terrível não foi somente um mal que grassou, mas um meio de guerra de que se serviram alguns conquistadores para o desaparecimento de algumas tribus ! « *Memoria historica e documentada das aldeas de indios da província do Rio de Janeiro, part. 1, cap. I, pag. 40, V. o cap. X da mesma memoria, pag. 135.* »

Disse e se ergueu ; e como espesso fumo
Lá desapparecendo,
Halito ruim de morte derramou-se
Trovão souu horrendo.

E eu vi a terra toda involta em fumo,
E viva trepidando
Por de sobre cadav'res corruptos
As vidas exhalando.

O' Tupá ! ... Onde existe hoje o teu raio
Que Mereba'yba
Não prostras ? — Não serás por nós acaso ?
Serás pelo Car'yba ?

III.

Como o mar, como os céos annilados
Nos parecem dous mares, dous céos
— Volvem nuvens, os céos são turbados
— Brame o vento — é o mar escarcéos.

Oh assim nossas virgens queridas
Eram bellas — já bellas não são :
Oh que escáras — que horrendas feridas
A cobrir suas faces estão !

Oh ! a morte que meiga era dantes,
Era um sonno com mago surrir !
Ora os nossos formosos semblantes
Vem de horrores e horrores tingir !

D'antes juntos dos mortos parentes
Era grato inda um dia passar
Era grato curvos, reverentes
Nosso côro funereo entoar !

Hoje até nós fugimos dos vivos
Ante nós a levar o terror
Que elles inda tão fortes e activos
Já vaporam dos mortos o odor.

Nossas terras cobertas de flores
De cadáveres cobertas estão !
Nossos rios tão incantadores,
Cobrem mortos — boiando lá vão !

Nossas tabas por nós habitadas
São das sérulas agora covis,
Nossas roças por nós trabalhadas
São perdidas — que sorte infeliz ! ...

O' Anhângua, teu halito é chama,
Mas não enche de tanto terror ;
Nem no meio dos vivos derrama
Essa peste, essa morte, esse horror !

(Continúa.)

(51) Estrangeiros ; os portuguezes.

(52) Doença má — as bexigas.

(53) Fantasma, apparição terrível, que só ofe-
rendas podiam apasiguar.

(54) *Tupan-ocarrôcara*, cemiterio.

(55) Surucucú.

(56) Allusão á vacina.

(57) Allude á constelação do cruzeiro. Note-se
que é uma europeia quem falla n'esta prosopopéia.

PARTE NOTICIOSA.

Correspondencia de Londres.

CARTA V.

Tem feito a volta do globo a celebre mistificação dos manuscriptos gregos, apresentados, pelo astuto Simonides, ultimamente á academia de Berlim, de que foram principaes victimas os sabios Dindorf e Lepsius ; a imprensa periodica, que para maior regozijo dos seus leitores, aproveita com extrema avidez todas estas coisas, tem dado incalculavel relevo ao cazo.

Agora apparece nas folhas d'esta cidade uma insinuação a que as diferentes redacções prestam decidido apoio, de que os manuscriptos de Simonides, comprados para a livraria nacional do muzeu Britanico, por sir Frederic Maddeu, director da repartição dos manuscriptos d'aquelle vasto estabelecimento, não são espúrios como se prova serem os que se venderam em Berlim ; com tudo se na Prussia pôde Simonides realizar o seu embuste, é logicamente possivel ter sido Londres similhantemente enganada ; todavia, prestando os mais graves orgãos do jornalismo inteira confiança aos raros conhecimentos e sagacidade critica de Sir Frederic Maddeu, se insurgem contra as illações da logica, e votão em côro pelas probabilidades mais favoraveis n'este cazo ao illustre comprador de tão preciosos objectos.

Dar-vos-hei um resumo da declaração enviada aos jornaes pelo erudito antiquario, sobre aquella compra.

« Repartição dos M. SS. do muzeu Britanico 3 de Março de 1856.

« Em fevereiro de 1853 veio procurar-me M. Simonides, acompanhado e apresentado por M. W. B. Barker, interprete oriental da Secretaria dos Negocios estrangeiros, e manifestou-me o desejo de vender certos pregaminhos gregos, de que tomei a seguinte nota :

« Primeiro. — Os poemas de Hesiodo, escriptos em letras capitales, no sistema *bous irophedon*, isto é, alternadamente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda ; em rolos de pergaminho fino, muito apertados.

« Segundo. — Trechos de Homero, em pergaminho similhante, escriptos em caracteres tão pequenos, que só com o auxilio de bom microscopio se podião ler.

« Terceiro. — Um tratado de Aristéas, escripto similhantemente, sendo os pergaminhos unidos na parte superior por um anel de cobre e em caracteres pequenissimos, datado A. M. 6404 — A. C. 896. Uma nota recentemente lançanda pelo proprio M. Simonides, se lia no fim.

« Quarto — Algumas folhas de pergaminho em quarto, escriptas em caracteres cuneiformes, com uma interpretação em phinico (!). No fim havia uma inscripção em capitales gregos, declarando ser o coutheudo-chronicas dos Babylonios, copiadas das livrarias de Alexandria.

« Quinto — Um rolo de pergaminho, contendo jeroglyphicos, com uma interpretação em grego (!).

« Sexto — Tres rolos de pergaminho de maiores dimensões, constando de rescriptos imperiaes do Imperador Romanus, e outros, assignado com cinabrio e ouro, com uma miniatura por cima de cada um.

« Todo o resrido foi por mim rejeitado, depois de curto exame, por intender que não passava de calculda logração. Perguntei depois a M. Simonides, se tinha algumas manuscriptos gregos em *volumes* similhantes aos salterios do seculo XI, como um que por acazo estava sobre o meu bofete. Respondeu-me que não. No dia seguinte tornou a procurar-me, trazendo com sigo alguns pergaminhos manuscriptos em grego, alguns dos quaes erão imperfeitos ; então conhecendo que estes erão genuinos, e havendo concordado no preço anui em recommendar que se comprassem ; o que depois se effectuou. Erão esses manuscriptos 1.º Commentario de Theophylacto sobre os evangelhos ; XIV seculo ; — 2.º os quatro Evangelhos, faltando-lhe parte do de S. Matheus ; — as epistolulas de S. Paulo, Sant'Iago, e S. Pedro, imperfeitas ; XIII seculo ; — 4.º o Evangelho de S. João ; XIII seculo ; — 5.º uma homyilia de S. João Damasceno, e a chronographia de Nicephoro, Patriarcha de Constantinopla ; XI seculo ; — 6.º Um tratado de geographia compilado de Strabão, Arriano, Ptolomeu etc. com tres grosseiros mappas ; XV seculo ; — quatro folhas, duas das quaes formavão um fragemento d'uma copia das epistolulas de Sant'Iago, com um commentario do XIII seculo ; e as outras duas um fragemento d'um dectionario do mesmo seculo. Tem estes manuscriptos a numeração de 19:386, 19:392, entre os M. S.S. addiccionaes do Muzeu Britanico, e são accessiveis a todos os que se interessarem em examinal'os.

« Peço-vos que acrecenteis que no mez de Setembro seguinte, por occasião de ir M. Simonides apresentar-se na livraria Bodleiam, e antes de haver

alli offerecido alguns dos seus pergaminhos, recebi uma carta de um dos livreiros, pedindo-me informações a respeito d'elles; disse-lhe francamente a minha opinião sobre o duvidoso caracter dos manuscritos e que os recuzára comprar quando primeiro m'os offereceu.

« Levantai o falso boato que se espalhou de ter eu sido enganado por Simonides, acerca dos manuscritos gregos que comprei: seria bastante desagravel não só para mim mas, para a repartição a que tenho a honra de presidir. » *F. Maddeu* ».

A' vista d'isto formae a opinião que quizerdes; o que é verdade, é que nunca se vio uma questão mais complicada do que a que veio suscitar no mundo dos antiquarios, a inimitavel pericia embaidora do famoso Simonides.

A *Sociedade das Artes* celebrou no dia 5 do corrente uma das suas sessões, presedida pelo proprio Princepe Alberto; occupou-se a assembléa de um escripto de M. Hoskuns, sobre os progressos da agricultura ingleza, durante os ultimos cinco annos.

A *Instituição dos Engenheiros Civis* occupou-se nas suas duas ultimas sessões, de 19 e 26 presididas por Sir Roberto Stephenson, de calculo mental, memoria apresentada por M. Bidder; e na de 4 d'este mez, depois da admissão de alguns candidatos a socios, tratou da apreciação de um escripto de Mr. W. K. Hall, dos Estados Unidos da America, sobre as causas das explozões das caldeiras de vapôr.

Na ultima sessão da *Sociedade Aziastica*, ventiou-se, sob proposta do seu presidente Mackeuzie, assignado por alguns socios, a questão da admisibilidade das senhoras, como membros da sociedade; unanimemente se decidiu não haver disposição alguma nos regulamentos, que podesse militar contra similarmente admissão.

Depois de discutido este ponto, leu-se uma proposta assignada por grande parte dos socios recomendando uma senhora; a votação ficou adiada para a primeira reunião da assembléa. Concluiu o secretario a leitura de um ensaio do Reverendo T. M. Clatchei sobre a theologia chineza, mostrando a connexão e analogia existente entre ella e outros systemas pagãos. Apresenta a analyse do sistema chinez segundo os testimonhos das auctoridades indigenas, e descreve os varios pontos de identidade ou diferença entre elle e outros systema de crença. Terho pena de não vos poder dar aqui um extracto de tão curiosas considerações; mas podeis le-lo no jornal da sociedade, aonde brevemente será publicado. Considera o auctor, que muitos

dos pontos de similitude entre este e outros systemas, só se podem explicar, supondo-se que partiram primitivamente de uma origem commum antes da dispersão em Babel. Na conclusão de seu ensaio entra o escriptor na questão da verdadeira maneira de interpretar a palavra « Deos » e produz varios argumentos para preferir a palavra *Shin* ou « Espírito » a *Shangt* « ou grande Pai. »

Basta por hoje de sociedades, e associações scientificas e litterarias. Os manuscritos estão na ordem do dia. Trata-se agora outra vez de um novo authographo de Schakspeare; o que é verdade é que estes ultimos tempos teem produzido mais authographos do celebre dramaturgo, do que os dous ultimos seculos; mas o que é o peior é que a opinião publica se vai tornando cada vez mais desconfiada.

De novidades bibliographicas pouco tenho hoje que vos mencionar; entre tanto citarei a nova edição do livro intitulado: *Men of the Time*, « os homens contemporaneos. » constando de apontamentos biographicos mais ou menos completos dos eminentes caracteres da actualidade, e juntamente das mulheres mais celebres da presente época. A obra de Mr. Bogue, está notavelmente aumentada n'esta segunda edição, mais vasta no plano, mais bem escripta sem duvida e mais correctamente estampada. A ultima parte, a que trata das mulheres illustres dá-lhe notável valor, poucas omissões se observão n'quelle tratado, e o leitor poderá encontrar tudo que mais lhe pode ser preciso ácerca dos contemporaneos celebres. Todo o leitor de livros, revistas e jornaes, deve ter junto do si como obra de quotidiana consulta este vasto repositorio biographicico.

Está-se fazendo em Paris (editor Cureneu) uma bella edição da *Imitação de Jesus Christo*, de que já sairam as primeiras folhas; a obra será acompanhada de ornatos copiados sobre os mais bellos manuscritos das bibliothecas de França, e do estrangeiro. Comparadas estas magnificas paginas, com os originaes pode-se-lhes notar um pequeno defeito, é serem mais nitidas; em quanto á exactidão, é totalmente perfeita; todos os dezenhos em numero de *quatro centos*, se achão já feitos, e a escolha é mais variada do que se podia premeditar; os materiaes preciosos que compõe esta collecção, onde figuram os nomes de todos os monarcas franceses desde Carlos Magno, e os de todos as personagens que nos seculos passados estimaram e animaram as artes, tem sido fornecidos pela biblioteca imperial de Paris, pelos muzeus dos soberanos, pelas bibliothecas do Arsenal, de Santa

Genoveva, do Louvre, pela bibliotheca Mattele, pelas bibliothecas de Londres, de Bruxellas, de Bâle, d'Strasburgo, de Froye, de Abbeville, e de Ruão, havendo tambem contribuido com valiosas esclarecimentos o conde Augusto de Basardr.

A apparição do precioso livro de Kempis, enlaczado por taes monumentos d'arte, pode contar-se entre o numero das boas novas litterarias e artisticas não já d'este ou d'aquelle paiz, mas de toda a Europa.

Fallemos alguma cousa da litteratura amena, propriamente dita; tem-se locupletado n'estes ultimos tempos a ingleza, com uma serie de romances muito agradaveis, condignamente acolhidos na Inglaterra, e recebidos favoravelmente na sua emula e secunda competidora, a França. Concisão, movimento, engenho, e atractivos, cousas todas estas tão diffiseis de se conciliarem no mesmo escripto, caracterizão incontestavelmente estes de que vou fallar. O primeiro d'elles, *Rockingham* o que marchou á frente de todos os outros, appareceu ha ja alguns annos. *Electra*, *Love and Ambition*, e *Cecile*, são mais recentes. Teem sido todos reimpressos mais de uma vez. Como todos os romances do mundo, são recheadas estas obras de intrigas e paixões, mas tem principalmente por fim pintar a vida intima da Inglaterra, apezar de muitas vezes ser transportado para mui longe do solo Britanico, á eleição do autor o desenvolvimento dos successos que formão a teia romantica. Porém, como bem disse um escriptor contemporaneo « os inglezes viajão, mas não mudão » para toda a parte transportam consigo os seus costumes, os seus uzos, a sua excentricidade e as suas chaleiras; e quanto mais longe estão da sua terra, mais inglezes são, quer na Sicilia, quer na Hespanha, quer na Escossia, quer na Irlanda, são sempre os verdadeiros filhos da immutavel Inglaterra, que o auctor do *Rockingham* pertende desenhar, como a personagem que mui de perto conhece, ainda que elle proprio seja francez de nascimento e tão distinto pelo coração como pelo espirito. Effectivamente parece que todos os typos inglezes ajustaram entre si entrarem nos romances do nosso auctor; aqui em *Rockingham*, é a Odyssea de um joven marinheiro, alli na *Electra* a historia de um official do exercito, ambos abraçados com as vicissitudes de um destino muito caprichoso, sem deixarem de lutar um momento com os horrores da vida real, mas que apezar do seu positivismo não podemos de todo recusar-lhe o nosso afecto.

Cecilia é a victimá de uma piedade ardente, e de uma intollerancia enoxoravel, o longo martyrio de

uma catholica no seio de uma familia de protestantes rigoristas. *Amor e ambição*, o titulo o está dizendo, é o contraste das duas maiores paixões do coração humano, a sede do poder e o amor de uma mulher. Já disse alguém que os inglezes são *animas politicos*, não é tanto assim; quando lhes chega a sua vez, são ardentissimos e tão obstinados e zelosos amantes como os que o são mais. Vicio ou virtude, heroismo ou loucura, orgulho ou dedicação, em se introduzindo o amor, até mesmo na Inglaterra, é preparar para assistir ao drama.

Tem obtido estes romances na Inglaterra como acima disse, grandes aplausos, e os criticos mais severos, os do *Times* e da *Quarterly-Review*, não duvidaram classificar muito lisongeiramente o auctor de *Rockingham*, entre os escriptores modernos da Grã-Bretanha. Depois de terem sido publicados no dispendioso formato dos livros mais em moda, acabaram estes romances por descer ás classes populares, graças ás reimpressões baratas que por mais de uma vez se tem feito d'elles; é assim que actualmente circulam pela Europa, e que teem chegado a todos os leitores que se comprasem de seguir o movimento da litteratura ingleza.

Mas o nome do auctor? Não aparece em parte alguma; também ainda nenhuma pessoa se lembrou de lamentar similihante falta. Queremo-nos devirtil, dizem os leitores; não é já pequena exigencia esta; que nos importa a nós com o nome, se a obra agrada; todavia algumas pessoas estão persuadidas que chegaram a poder adivinhar tão misterioso segredo. *Le Dernier d'Egmont*, escripto em francez pelo auctor de *Rockingham*, talvez ajude a encaminhal-as á revelação de tão pertinaz anonymo.

Não são as primeiras obras modernas escriptas em francez por escriptores ingleses; a litteratura já tinha na devida conta a vida do Príncipe de Condé por Lord Mahon. Descobrir-vos-hei também o segredo quando o souber. Probabilidades nunca fazem fé, senão dizer o que suspeito.

Dizem que uma dama distinta vai traduzir a *Electra* em francez.

Publicou-se ultimamente em Edimburgo, o segundo volume da obra de Charles Rogers — *Os novos ministros Escossezes ou Canções da Escócia do meado do ultimo seculo*. — *The Modern Scottish Minstrel; os, the songs of Scotland of the Past half Century*; como vedes do titulo são specimens da poesia Escosseza; não se pode exercer a critica senão só sobre a composição do mosaico; avaliar cada um dos poetas que estão n'aquelle composição só pelos extratos, fora querer julgar da belleza de uma dama, só pelos olhos. Por hoje nada mais.

20 de Junho de 1856.

JORGE THOMPSON.